



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**LEYDSON SAMUEL CARVALHO DE OLIVEIRA**

**PILOTO DE SI: REPRESENTAÇÃO DO LUTO EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”**

**GUARABIRA – PB  
2018**

LEYDSON SAMUEL CARVALHO DE OLIVEIRA

**PILOTO DE SI: REPRESENTAÇÃO DO LUTO EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientador:** Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48p Oliveira, Leydson Samuel Carvalho de.  
Piloto de Si: [manuscrito] : representação do luto em "O Pequeno Príncipe" / Leydson Samuel Carvalho de Oliveira. - 2018.  
29 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, Coordenação do Curso de História - CH."  
1. O Pequeno Príncipe. 2. Luto. 3. Literatura. 4. Guerra total. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

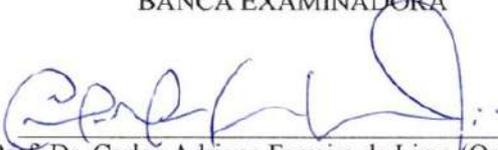
LEYDSON SAMUEL CARVALHO DE OLIVEIRA

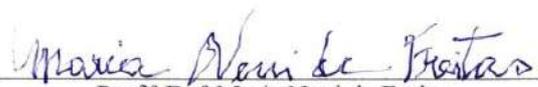
**PILOTO DE SI: REPRESENTAÇÃO DO LUTO EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.  
Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 29/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Dr.ª Maria Neni de Freitas  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Dr.ª Iara Ferreira de Melo Martins  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu eu que, por um determinado tempo, se  
perdeu na mais profunda promiscuidade.

DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A uma força descomunal, a qual me fez seguir, embora que lutando – caindo, porém, levantando –, e, sem olhar para trás, me fez acreditar que, no fim, tudo daria certo. Obrigado, meu Querido, Imenso e Inigualável Deus. Obrigado!

– *Oxe, melhore, é claro que vai, paciência, a escrita acadêmica é assim.* Além de me orientar, me acalmava. Paciente como outro não há. Fiz a escolha certa em tê-lo como meu orientador. No mais, palavras seriam desnecessárias para frisar o que sinto por tamanha oportunidade. Gratidão a ti, Carlos Adriano Ferreira de Lima. Gratidão a ti que, antes de ser Professor, é Humano.

Agradeço a mainha pela paciência tida na espera de ver seu filho, o caçula, se formar; uma espera que perpetuou por trinta anos, mas que agora acabou... Venho agradecer-te, imensamente: obrigado Terezinha, Tereza ou Teca, eis que, agora, seu filho virou “gente”. Obrigado pelos puxões de orelha e pelas chineladas, contudo, acredito que a melhor orientadora foi – e vem sendo – a senhora.

Dedico o período acadêmico aos meus irmãos: Leila Simone, Lenilson Staine e Ledilson Sandro. Motivo: quando todos do lado de fora cogitavam a ideia do meu fracasso, vocês, do lado de dentro, embora em silêncio, torciam pelo meu crescimento, sabendo que a vitória era certa. Não somos de sangue, porém confirmo: o nosso elo é invisível aos olhos.

Aproveito e reverencio o ano de dois mil e treze, ano este que me foi propício a conhecer uma das melhores pessoas do universo: Genaldo Costa. Acredito que a vida me pôs ao seu lado para um propósito maior; propósito este que, no embalo do entrosamento de professor *versus* aluno – eu, no lugar do aluno, claro. rrsr – iremos, juntos, descobrir. Não saia de perto, não fique longe, aproxime-se cada vez mais, pois temos muito a compartilhar e vivenciar um com o outro – um no outro.

Amigos de infância são tesouros guardados feito uma carta na manga, quando você menos espera eles surgem para lhe auxiliar nas dificuldades impostas pela vida – ou até mesmo por nossas falhas escolhas. Rayanne Freitas, Werlane Flávia e Renata Cristina... Um elo que jamais será desfeito, um laço que jamais será desatado, um *iceberg* que jamais será dissolvido. A vocês, também, dedico minha vitória; a vocês, agradeço a paciência em momentos de desistência e do cansaço exacerbado. Gratidão, minhas Amigas!

Em dois mil e quatorze, devido a uma simples pilastra, um “grupo” que tem como base ora o sal ora o açúcar – discussão *versus* união – foi gerado. Hoje, diferente do início, temos a convicção de que somos mais que pessoas que se conheceram em um Encontro de

Jovens com Cristo – EJC, ou que somos mais que amigos. Hoje... Hoje, sim, temos a convicção de que somos irmãos... *Irmãos Top's*. Irmãos que, mesmo pegando pesado com a proporção do sal, o doce sempre – eu disse sempre – sobressai, ressalta, tomando de volta a forma do que fez a formação do laço: a união. Obrigado meus irmãos, pela paciência de sempre tida para comigo, sei que a convivência comigo não é fácil, mas com o jeitinho brasileiro tudo se ajeita, tudo se suporta. A vocês dedico, também, essa minha conquista.

Dizem que todas as pessoas – ou quase todas – tem um grupo no *Whatsapp* contendo, apenas, você e mais duas. Ok! No meu caso, sou eu e mais três: Amanda Dias, Andressa Ferreira e Luana Raquel. Amizade nascida e formada em meio às turbulências acadêmicas e suas atividades frustrantes, gerando uma forma de tripé, em que um se apoiava no outro e, assim, chegaríamos – como chegamos – ao sucesso. Obrigado pelos resultados tidos com essa união, obrigado pelos conselhos, obrigado pela companhia e compreensão. Resta, agora, FELIZMENTE, a nossa Amizade. Vamos festejar, afinal, vocês fazem parte desse grito de vitória. Gratidão!

No mais, aqui estou finalizando, logo, conquistando mais um degrau.

*As estrelas são todas iluminadas. Será que elas brilham para que cada um possa um dia encontrar a sua?*

(SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 76).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 APRESENTAÇÃO DO AUTOR.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Contexto em que viveu: Guerra Total .....</b>	<b>13</b>
<b>3 APRESENTAÇÃO DA OBRA – LIVRO INFANTIL .....</b>	<b>16</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO DA HIPÓTESE – LUTO.....</b>	<b>21</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>25</b>

## PILOTO DE SI: REPRESENTAÇÃO DO LUTO EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”

Leydson Samuel Carvalho de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

O nosso trabalho analisa, na obra “O pequeno Príncipe” (1943), como o estado de luto é representado no personagem-narrador, o piloto. Para tanto, apresentamos, de forma sucinta, o contexto do autor e suas obras, no intuito de observarmos sua trajetória enquanto sujeito produtor de sentidos, os quais decorrem das similitudes entre o personagem, o autor e, também, o piloto, Antoine de Saint Exupéry (1900–1943). Busca-se, assim, analisar este recorte numa perspectiva literária envolvendo o estado de luto e melancolia. A obra, reconhecida internacionalmente por suas características abstratas, sensíveis, simbólicas e imaginárias, aqui será analisada pelo viés da dor. Com base nos estudos sobre luto, melancolia e literatura chegamos à representação do luto nesta obra, como uma maneira de externar a dor do autor através da escrita, sentimentos que podem ser transformados em literatura, como se encontra em o “O Pequeno Príncipe”, um aspecto que poucos leitores associam quando fazem a leitura da mesma. No mais, utilizamos de uma metodologia de cunho bibliográfica que nos possibilitou a análise apresentada.

**Palavras-Chave:** *O Pequeno Príncipe*. Luto. Literatura. Guerra total.

### 1 INTRODUÇÃO

O nosso trabalho tem como objetivo geral analisar do estado de luto no “aviador”, narrador personagem da obra “O Pequeno Príncipe” (1943), e das possíveis relações estabelecidas entre o autor e o piloto, Antoine de Saint-Exupéry (1900-1943). Para tal abordagem, recorreremos ao diálogo de grandes áreas do conhecimento tais como: crítica e teoria literária, psicanálise e história, dentre as principais referências destacam-se: Moisés (2007), Perez (2018), Saint-Exupéry (2016), Estang (1972), Hobsbawm (1995), Freud (2013), Russo (2018), Ramos (2011), Maria (2015), Machado (1994), Carvalho (1971), Carneiro (2017), Cademartori (2010), Barbosa (2008) e Gil (2002).

Para tanto, utilizamos uma metodologia de cunho bibliográfica, que, segundo Gil (2002):

É desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
Email: leydsos@hotmail.com

desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

Artigos, livros e sites nos auxiliaram durante toda a pesquisa, dando-nos subsídios para que a análise abordada nos possibilitasse entender a obra como um todo, num conjunto em que elementos explícitos viessem à tona e elementos implícitos, como o “luto”, nos possibilitassem ver a obra sob outra ótica.

Vivemos numa sociedade em que falar da perda de alguém é considerado, por muitos, um tabu. Muitos se recusam, a todo instante, tratar do assunto pelo simples fato de que, jamais, por mais preparados que possamos estar, a dor de perder alguém é algo inenarrável.

Desta forma, falar sobre morte, ainda é um tema, no campo dos afetos, que causa incômodo, logo, para adentrarmos neste campo, buscamos analisar este recorte numa perspectiva literária envolvendo o estado de luto, sentimento esse que, por sua vez, o enlutado carrega diante da perda de um parente ou, como nos diz a psicanálise, de qualquer outro objeto.

O trabalho encontra-se dividido da seguinte forma: No primeiro momento, apresentaremos o autor e sua trajetória de vida na relação com sua produção literária. Faz-se necessário ressaltar que nossa abordagem não é baseada no biografismo, mas no intuito de analisar as relações que percebemos entre vida e obra, ainda mais quando as relações extraliterárias constituem marcas significativas da produção de sentidos que a obra obteve no seu reconhecimento pelos leitores. Por tal motivo, apresentamos, de forma breve, acontecimentos de sua infância à vida adulta, e, de forma bastante sucinta, o contexto histórico envolvendo o cenário da Primeira e Segunda Guerra Mundial, conflitos que envolveram as principais potências bélicas e econômicas do período entre as décadas de 1910 e 1940, contexto esse que marcou o autor, resultando em seu estado de luto e melancolia.

Logo em seguida, apresentaremos a obra, sem esquecer o seu público-alvo: crianças; embora traga em seu trajeto grandes aspectos vivenciados pelos adultos, aqueles que ora esquecem a criança adormecida que vive em seu interior.

Em um terceiro momento, apresentamos uma hipótese para justificar a presença do luto do autor em sua obra, o que nos faz refletir sobre um personagem que, além de ser lúdico, é humano, tem sensações distintas e traz consigo traços de perdas.

Por fim, apresentaremos o resultado de uma sequência de pesquisas e análises envolvendo a obra, bem como o seu autor, mediante contextos históricos distintos da época, possibilitando a compreensão do trabalho, nascido da necessidade de ver a narrativa não apenas de um ângulo: um livro feito para crianças, no intuito de descontraí-las e fazê-las

viajar no mundo da imaginação. Mas, mostrar que existem outros aspectos a serem evidenciados na história, como a própria hipótese de se tratar de um livro que traz em seu contexto sucessos, perdas, frustrações, alegrias, tristezas e luto. Luto por parte daquele que protagoniza a obra e se faz presente do início ao fim da referida narrativa. Luto do leitor, que, muitas vezes, assim como Exupéry, se coloca dentro da narrativa e se faz também personagem da mesma. Luto por parte daqueles que veem no livro a sua história, o seu drama, a sua vida que, muitas vezes, precisam apenas encontrar-se com um “Pequeno Príncipe” que lhes façam caminhar pelos pequenos detalhes da vida e poder enxergar o essencial, que muitas vezes se torna invisível aos nossos olhos.

## 2 APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Lyon, sul da França, 29 de junho de 1900, nasce, no final do século XIX, faltando poucos meses para o início do século XX, Antoine Marie Roger de Saint-Exupéry, futuro escritor e piloto. Terceiro filho do casal Jean de Saint-Exupéry e Marie de Fonscolombe, tendo como irmãos Marie-Magdeleine, Simone, Gabrielle – única a deixar herdeiros, o então sobrinho e afilhado François d’Agay, o qual mantém os direitos autorais da obra – e, François. Quatro anos depois de seu nascimento, perde o pai e, devido a este fato marcante para a família, Saint-Exupéry e seus irmãos são levados a deixar a casa em que viviam para passar a residir – futuramente – em dois castelos: primeiro, o Castelo de Mme de Tricaud e, tempos depois, no Castelo da Môle, sendo o primeiro de propriedade de sua tia, e o segundo de sua avó materna.

O desejo de voar é vivenciado ainda em sua infância, quando, ao pegar carona no despertar da paixão pela mecânica, sonha com os primeiros voos como piloto e, através dos sonhos, trouxe para a sua realidade uma invenção: a bicicleta-avião. Sempre que a pilotava, exclamava, dizendo: *vocês verão quando eu voar de verdade, todos gritarão: Viva Saint-Exupéry!* (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 122).

Deste modo, ao completar doze anos, descobriu sua paixão por voar numa pequena pista de pouso da zona rural de Ambérieu. Chegando neste local, começou a insistir para que um piloto desta pequena pista de pousos o levasse a um passeio em um de seus aviões. O piloto atende ao seu pedido e, assim, Antoine realiza, mesmo que breve, o seu primeiro voo, que recebe o nome de “batismo do ar”. Porém, este voo não lhe saiu tão barato assim, pois Antoine teve que mentir para conseguir tal desejo, dizendo que sua mãe lhe permitiu fazer tamanho feito.

No ano de 1914, agudiza-se o conflito de proporções internacionais conhecido como Primeira Guerra Mundial e, com o surgimento desse evento, sua mãe emprega-se como enfermeira no Hospital de Ambérieu, com o intuito de, além de se colocar a serviço da França, atender vítimas da guerra. Ainda em 1914, diante de um cenário catastrófico, Antoine faz aniversário, chegando a completar 14 anos de idade.

No mais, foi a partir de então que Antoine se impressionava, através da Primeira Guerra Mundial, com os aviões alemães sobrevoando a cidade. Pode parecer loucura, mas, mesmo em um período conturbado e catastrófico, ele sonha; sonha com o dia em que poderá voar no seu próprio avião, mesmo havendo dor e sofrimento por todos os lados, afinal, a Primeira Guerra havia estourado.

Acompanhado de seu irmão François, muda-se para a Suíça, onde poderão estudar no colégio Maristas de Friburgo. Anos mais tarde, retorna à França, pois seu irmão havia sido diagnosticado com reumatismo cardíaco, o qual veio a morrer em julho de 1917.

A Primeira Guerra Mundial termina, é tempo de paz, menos para Antoine, pois o mesmo ainda sonha em pilotar aviões, ainda sonha em ser, um dia, piloto. Pedem que ele ingresse na Escola Naval – lembrando que, quando criança, já fora desencorajado por adultos, não queria ele, naquele momento, passar pela mesma situação –, o rapaz cede, decide ingressar, porém, como já esperava, não foi bem nos testes de admissão. Mais um descontentamento.

A partir de então, decide morar em Paris, inscreve-se no curso de arquitetura. Ainda em Paris, decidido, resolve mudar de profissão e, com o auxílio de sua prima, a duquesa Ivone de Lestrage, conhece artistas locais e personalidades da literatura.

Desta forma, ao longo da vida, tive vários contatos com muita gente séria. Convivi com as pessoas grandes. Vi-as bem de perto. Isso não melhorou muito a minha antiga opinião. Quando encontrava uma pessoa que me parecia um pouco esclarecida, fazia a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era na verdade uma pessoa inteligente. Mas a resposta era sempre a mesma: “É um chapéu”. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 11)

O ano agora é 1921, a vida de estudante é interrompida, “tive então que escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões” (2016, p, 11), acabando por ingressar no 2º Regimento de Aviação de Estraburgo e, aos 21 anos, é chamado para o serviço militar na Força Aérea. Achando que iria voar, ocorre a decepção ao saber que faria o serviço de mecânico, ou seja, o que seria uma aventura no ar, agora, seria em solo.

Ainda neste mesmo ano, Saint-Exupéry sofre seu primeiro acidente quando, impaciente, decola sem a autorização do seu instrutor. Tudo iria bem até o momento de sua aterrissagem, umas das manobras que Antoine ainda não havia aprendido. Não se fere muito, mas, devido à falta de respeito para com o instrutor e para com o regimento, passa duas semanas na prisão militar. No ano de 1922, em Bourget, ocorre seu segundo acidente e, neste, sofre fraturas no crânio.

Como vendedor de caminhões, no ano de 1923, exerce tal função na empresa de automóveis Saurer. Logo mais, em 1928, escreve e publica *Correio Sul*. No ano de 1929, exerce a função de diretor de exploração na Companhia “Aeroposta Argentina” ao lado de seus camaradas e companheiros da linha França-Marrocos: Mermoz, Reine e Guillaumet. Antoine começa a escrever a obra intitulada como “Voo Noturno”, no ano de 1930, vindo a publicá-lo mais tarde, em 1931, chegando a receber o Prêmio Fémina.

E, assim, ano após ano, Antoine de Saint-Exupéry vem ganhando o mundo, ora pela fama através do reconhecimento das obras publicadas, ora pelas alterações e promoções no âmbito da aviação.

Em Buenos Aires, no ano de 1931, na embaixada francesa, chegou a conhecer sua inspiração para a rosa, com quem mais tarde viera a se casar, Consuelo Suncin-Sandoval Zeceña (1901-1979), já sendo ela viúva de um jornalista bastante renomado na época em que Antoine a conhece; ela era, também, artista plástica. No ano de 1938 sofre o seu quarto acidente, ocasionando sete fraturas no crânio e, ainda neste mesmo ano, prepara a obra “Terra dos Homens” (1939), publicada no ano seguinte, pela qual recebeu o Grande Prêmio de Romance da Academia Francesa.

No ano de 1940, recebe inspiração para escrever “Piloto de Guerra” (1942) através de uma missão de reconhecimento sobre Arras. Em 1943 publica mais duas obras: em fevereiro, “Carta a um refém” e em abril, “O Pequeno Príncipe”.

O ano é 1944, Antoine é promovido de piloto a comandante. Era tudo o que desejava, pois, a partir de então, poderia ser “piloto de si”, exercendo uma função na qual poderia se sentir livre para por em prática o que bem entendesse, porém, o mesmo é abatido ao receber a notificação de que só teria autorização para cinco missões, apenas. Logo, Antoine, com toda sua sede por voar, ultrapassa a ordem das cinco e atinge nove missões, todas elas com retorno à base, exceto uma: “Objetivo: a região de Grenoble-Annecy. 8h30m: decolagem, 13h30m: nenhum regresso; resta apenas uma hora de gasolina. 14h30m: Saint-Exupéry não pode mais estar voando” (LUC ESTANG, 1972, p. 14). As probabilidades de sua morte são evidenciais, contudo, até hoje, seu corpo nunca fora encontrado, diferente dos destroços de seu avião.

Portanto, para abranger o entendimento de como foi àquela época, traremos um breve resumo de seu contexto, o qual dará subsídios para podermos entender, um pouco, os sentimentos que dominavam Antoine.

## **2.1 Contexto em que viveu: Guerra Total**

Em 1939 eclode a Segunda Guerra Mundial e, em meio a ela, há um piloto, explorador que, dentre suas vontades, existiu, sempre, o fato de voar. Durante a Segunda Guerra Mundial, Saint-Exupéry foi exilado e no meio das turbulências pessoais, seguido de uma saúde falha, produziu quase metade das obras pelas quais ele seria lembrado, incluindo a solidão, a amizade, o amor e a perda em forma de um jovem príncipe que caiu na Terra.

Contudo, não há como falar do século XX e não citar o período sangrento das mortes envolvidas nas guerras que entraram para a história como a Guerra Mundial de 31 anos, período este que abrange fatos históricos tanto da Primeira Guerra Mundial (1914–1919) como da Segunda (1939–1945).

A princípio, o historiador britânico Eric Hobsbawm, em sua obra *A era dos Extremos* (1995), nomeia esse período como “breve século XX”, trazendo uma análise de um período catastrófico relacionado ao combate violento que se deu ao surgimento da sua abordagem Guerra Total. Traz à tona toda a especulação em volta de uma era que nos marcou em todos os aspectos, um conceito que nos remete a circunstâncias de um confronto completo, não sendo centrado apenas em uma só guerra.

Hobsbawm ainda nos traz o conceito relativo à Guerra Total, que se diz respeito ao grande número de crescimento dos centros industriais dos países e a sua mão de obra, ou seja, tudo se voltava, agora, para a economia de guerra. A grande mão de obra estaria sendo direcionada à criação e elaboração de armas e seus derivados para os grandes conflitos que viessem a existir, desta forma, ainda se tratando de Guerra Total, no que se diz respeito à Primeira Guerra Mundial, os combatentes que se confrontavam podiam se ver, olho a olho, o nível de barbárie que iria produzir, enquanto que no segundo processo de Guerra Total, ou seja, Segunda Guerra Mundial, o contato pessoal que existiu no primeiro processo foi extinto devido ao grande avanço tecnológico de produção em massa de diversos materiais de guerrilha – Ex.: armas, canhões, carros etc. –, avanço esse que iria pôr um fim em uma nação, transformando seres humanos em pó. A guerra, em si, fazia parte de todos os âmbitos.

Outro eixo que o autor nos deixa é que a guerra também foi total pelo grande número de alistamento, afinal, para se combater numa guerra de grande porte, seria necessário um grande número de combatentes, ou seja, necessitando do maior número de pessoas possíveis.

Deste modo, o século XX foi marcado por diversos conflitos os quais, até hoje, perpassam por estudos e pesquisas, pois, além de ter sido um século que deixou feridas difíceis de serem cicatrizadas, foi, também, um século majestoso, que entrou para a história.

No entanto, o motivo que gerou o início da então conhecida 1ª Guerra Mundial – antes chamada como a Grande Guerra, pois, não se sabia que haveria uma segunda –, a qual teve seu conflito iniciado quando um jovem de, apenas, dezenove anos tirou a vida de um austríaco juntamente com a sua esposa, dando, assim, início, no dia 28 de julho de 1914, à Grande Guerra, a qual foi toda centrada na Europa.

Contudo, com a chegada da guerra, deu-se a imaginar que os dias da raça humana estariam contados e, a partir de 1914, a paz que um dia chegou a existir naquele lugar se tornaria extinta, em seguida, passado este ano, não se sabia como poderiam se expressar, não conseguiriam sentir e, a partir daquele ano, a felicidade era algo de que não se poderia mais usufruir. Hobsbawm (1995) nos diz: “Paz” significava “antes de 1914”: depois disso veio algo que não mais merecia esse nome. Era compreensível.

Dessa forma, consideramos que, a princípio, o que ocasionou a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) foi a expansão idealizada por Hitler com relação aos domínios territoriais que envolviam a Alemanha com o intuito da conquista de poder e recursos materiais. Através da guerra esses objetivos seriam conquistados, de acordo com as ideias nazistas, onde os objetivos militares e expansionistas também se faziam presentes. Assim, no dia 1 de setembro de 1939, Hitler põe em prática o seu plano e invade a Polônia. E, com isso, França e Inglaterra declaram guerra contra a Alemanha, dando início ao maior conflito de todos os tempos.

Mas isso não significa que antes de 1914 não tenha ocorrido outras guerras, muito pelo contrário, só que elas não chegaram a envolver países fortes e de potência:

Locais, regionais ou globais, as guerras do século XX iriam dar-se numa escala muito mais vasta do que qualquer coisa experimentada antes. Das 74 guerras internacionais travadas entre 1816 e 1965 que especialistas americanos, amantes desse tipo de coisa, classificaram pelo número de vítimas, as quatro primeiras ocorreram no século XX: as duas guerras mundiais, a guerra do Japão contra a China em 1937-9, e a Guerra da Coreia. Cada uma delas matou mais de 1 milhão de pessoas em combate. A maior guerra internacional documentada do século XIX pós-napoleônico, entre Prússia-Alemanha e França, em 1870-1, matou talvez 150 mil pessoas, uma ordem de magnitude mais ou menos comparável às mortes da Guerra do

Chaco, de 1932-5, entre Bolívia (pop. c. 3 milhões) e Paraguai (pop. c. 1,4 milhão). Em suma, 1914 inaugura a era do massacre (SINGER, 1972, apud HOBBSAWM, 1995, p. 26).

Logo, os que saíam ilesos das tais guerras, voltavam com sentimentos de superioridade ante as mulheres e os não combatentes, corrobora Hobsbawm em *A era dos Extremos* (1995, p. 28):

Contudo, os ex-soldados que haviam passado por aquele tipo de guerra sem se voltarem contra ela às vezes extraíam da experiência partilhada de viver com a morte e a coragem um sentimento de incomunicável e bárbara superioridade — inclusive em relação a mulheres e não combatentes — que viria a formar as primeiras fileiras da ultradireita do pós-guerra.

Um olhar que, mesmo não estando fisicamente dentro da guerra, relata o que sente como se estivesse dentro de uma e passasse para o papel, através da escrita, seus textos, que são consequência de reflexões profundas seguidas de um vazio que sente, dando-nos de presente um clássico da literatura francesa: “O pequeno príncipe”. Antoine de Saint-Exupéry escreveu diversas obras e sempre buscava um olhar para o que lhe rodeava, resultando sempre em textos caracterizados pela presença de elementos da aviação e de guerra, como, por exemplo: “O Aviador” (1926), “Voo Noturno” (1931), “Terra dos Homens” (1939), “Carta a um Refém” (1944). Todas com uma escrita que reflete o período conturbado, um período em que a Europa passava por guerras e conflitos, principalmente o seu país berço: a França.

Depois de décadas de mistério sobre a sua morte, no ano de 1998, surge um pescador francês chamado Jean-Claude Bianco que acabará por capturar um objeto desconhecido, intrigante e curioso, vejamos:

está prestes a jogá-la ao mar quando nota um pequeno brilho. Intrigado, pega um martelo e começa a despedaçar a crosta. Algumas letras vão aparecendo numa pulseira de prata (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 153-154).

Letras essas que levam ao nome do piloto Antoine de Saint-Exupéry e de sua esposa, Consuelo. Assustado, o pescador aciona uma equipe de rastreamento da qual faz parte o mergulhador Luc Vanrell, que já havia encontrado escombros metálicos do avião.

Diante desse fato, surge, então, uma pessoa que se diz ter sido o autor dos disparos que atingiu Antoine de Saint-Exupéry, o qual havia decolado para uma missão de reconhecimento de terreno. Esta pessoa seria Horst Rippert, também piloto da época. Através de um simples telefonema, diz: “Podem parar de procurar!” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 154). Guardou por anos este segredo, pois, o mesmo jamais teria coragem de admitir que tivesse sido o autor dos disparos que ocasionou a queda do avião de um piloto que foi sua inspiração na infância.

As peças foram restauradas e apresentadas ao público em 2006, no então recém-inaugurado Espace Saint-Exupéry. Acredita-se que o piloto e escritor Antoine de Saint-Exupéry morreu no dia 31 de julho de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, porém, seu corpo nunca foi encontrado.

### **3 APRESENTAÇÃO DA OBRA – LIVRO INFANTIL**

Sabemos da necessidade de ampliarmos a nossa visão de mundo, o acesso à leitura se torna cada vez mais necessário, sem restrição de classe social e/ou faixa etária. Desta forma, o público-alvo responsável pelo maior número de vendas de livros é o público infantil, pois é a infância o período para melhor desenvolver o hábito da leitura, para que esta venha a se tornar, futuramente, um adulto habilitado na condição da leitura, abrangendo, assim, sua visão de mundo.

Surgem, no século XVIII, os primeiros livros voltados ao público infantil, tendo Charles Perrault e La Fontaine como autores famosos que escreviam suas obras com o foco, a princípio, em contos de fadas. Deste século em diante, a área da literatura infantil foi tomando forma e ganhando espaço, se expandindo, e, com isso, novos escritores chegaram a surgir, como, por exemplo, os Irmãos Grimm e Monteiro Lobato, que se tornaram referências pela grandiosidade de suas obras (cf. FALCONI, FARAGO, 2015, p. 85).

Para fixar uma criança a um bom livro é crucial que devemos lançar destaque com relação às ilustrações que cada livro carrega, pois, sabemos que quanto mais cores e desenhos a obra contém, mais foco a criança terá na obra, corrobora Ramos (2011), em *A imagem nos livros infantis*, ao dizer que ganham cada vez mais importância quando articuladas ao escrito, mostrando-se fundamentais por provocarem no leitor – ou seja, na criança – deslocamento e emoção, levando-a a refletir, imaginar e construir sentidos. Todo esse misto de emoções podemos encontrar na obra aqui trabalhada, tendo em vista que o próprio autor foi fiel no que diz respeito às suas aquarelas.

Cademartori (2010) nos diz que a criança que gosta de ler, que gosta de livros de histórias e poesias, geralmente vai escrever melhor e carregar consigo uma bagagem elevada de informações. Corrobora, ainda, dizendo que essa não é a principal função da literatura junto ao seu leitor, mas sim, de estabelecer experiências no que diz respeito à linguagem e sentidos da criança, algo que instituição alguma conseguirá desenvolver nela, a não ser a própria leitura.

A criança que costuma ler, que gosta de livros de histórias ou de poesias, geralmente escreve melhor e dispõe de um repertório mais amplo de informações, sim. Mas essa não é a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor. Mesmo sem precisar discorrer sobre a função da literatura, sabemos que o fato de ela propiciar determinadas experiências com a linguagem e com os sentidos – no espaço da liberdade que só a leitura possibilita, e que instituição nenhuma consegue oferecer – que a torna importante para uma criança. (CADEMARTORI, 2010, p. 08).

No ano de 1943, um ano antes de seu desaparecimento – pois, sua morte só veio a ser confirmada décadas depois –, Antoine de Saint Exupéry lança, nos EUA, *O Pequeno Príncipe*, o qual até hoje é considerado um verdadeiro clássico da literatura universal. Foi no decorrer da Segunda Guerra Mundial que o elaborou, criou seus desenhos e publicou a obra, e, o que mais chama atenção na história é a capacidade de envolver leitores das mais variadas idades, independente de ser um livro infantil. O piloto, protagonista da obra, enquanto ouve as histórias contadas pelo príncipezinho, automaticamente desperta no leitor o valor das coisas mais simples da vida que, na maioria das vezes, são esquecidas pelos adultos.

*O Pequeno Príncipe* é uma narrativa composta por 27 capítulos. É uma obra que ocorre em meio ao contexto social que traz e faz menção a conflitos mundiais como a guerra. O seu protagonista também é narrador daquilo que ocorreu com ele, quando, em uma de suas viagens, o seu avião apresentou um defeito em meio ao deserto do Saara. Traz a figura de um personagem muito importante, pequeno e com traços infantis, nomeado de príncipezinho, que o autor descreve como sendo habitante do asteroide B-612, que deixa sua casa e a sua rosa que tanto ama para viajar pelo Universo.

Dentre os personagens, destacamos o Piloto, o qual assume o papel de protagonista da história junto ao Príncipezinho. Teremos, também, a Serpente, que traz características comuns que encontramos em alguns humanos, sendo ela astuta, ágil e muito perigosa.

O Piloto é apresentado como uma criança frustrada, por seus desenhos nunca serem compreendidos por aqueles que ele chama de “pessoas grandes” e que, na fala dele, são pessoas que perderam a capacidade de enxergar com o coração e só conseguem enxergar aquilo que o mundo mostra. Esse personagem faz pensarmos que devemos continuar lutando por nossos objetivos e que, mesmo nos frustrando com o mundo – ou seja, com a sociedade -, vale a pena insistir naquilo que acreditamos.

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo.  
Responderam-me: “Por que um chapéu daria medo?”  
Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 10)

A Rosa é, para o pequeno príncipe, aquela que representa o amor, porém, em meio a um conflito entre os dois – por que a Rosa era muito orgulhosa –, ele resolve sair do seu planeta em uma viagem transformadora. Mesmo estando distante dela (da Rosa), o pequeno príncipe sempre relata ao piloto como ela era linda e única, simbolizando, assim, o amor que devemos cultivar nas pessoas e que as pessoas não são perfeitas, sua Rosa era linda, porém muito orgulhosa, mas ele a amava.

Temos a Raposa, que aparece na história de forma rápida e muito misteriosa, mas é um personagem que explica ao pequeno príncipe o sentido da palavra “cativar”, pedindo a ele que a cative para eles serem amigos. O pequeno príncipe, por sua vez, se questiona sobre o que seria o sentido da palavra “cativar”, a partir de então é quando ela nos mostra em sua fala que:

Eis o meu segredo. É muito simples: só se ver bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.  
- O essencial é invisível aos olhos – repetiu o principezinho, para não esquecer. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 90)

A partir desta reflexão, de que é com o coração que se consegue ver corretamente, eles tornam-se amigos, e o tempo faria com que ele sentisse falta dela, então, foi nesse momento que a Raposa fez com que o pequeno príncipe sentisse falta de sua Rosa.

- Foi o tempo que perdeste com tua Rosa que a fez tão importante.  
- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... repetiu ele, para não esquecer. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 90)

Assim, podemos ser afetados, pois, só sentimos falta daquilo que temos quando passamos pela experiência da perda.

Em meio à história, logo lá no início, surge a figura do Carneiro, que o principezinho pede ao Piloto que desenhe no objetivo de que esse carneiro comesse os baobás, pois estava preocupado que aqueles crescessem e tomassem conta de seu planeta, o carneiro podia também ser uma ameaça para sua rosa e, comendo baobás, o principezinho temia que o carneiro também a comesse.

- Um carneiro, se come arbusto, come também as flores?  
- Um carneiro come tudo o que encontra.  
- Mesmo as flores que tem espinhos?  
- Sim. Mesmo as que têm. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 36)

Aqui percebemos que ele estava diante da dualidade da entrega do amor: ou o carneiro livrara o planeta dos baobás ou o carneiro comeria sua Rosa. Em nossa vida, ficamos diante

da dura escolha, como diz o ditado popular: “entre a cruz e a espada!”, e o nosso coração se divide entre a razão e a emoção, lição mostrada através da obra.

A Serpente aparece na história como sendo o primeiro ser que ele (o pequeno príncipe), encontra na terra. Engenhosa e muito intensa, a serpente traz à tona características que encontramos em algumas pessoas, mas também na nossa história representa a dor, a morte, a partida. O momento em que nosso príncipezinho se deixa levar pela “boa conversa” da serpente.

-... Está bem. Tu verás na areia onde começam as marcas dos meus passos. Basta me esperar. Estarei lá esta noite.  
 Estava a vinte metros do muro e continuava a não ver nada. O pequeno príncipe disse ainda, após um silêncio:  
 - O teu veneno é do bom? Estás certa de que não vou sofrer por muito tempo? (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 102)

Muitas vezes nos colocamos no lugar, ou da serpente ou do príncipezinho, agindo com frieza e esquecendo que dentro de nós, aos poucos, morrem sentimentos bons, que na infância eram tão presentes.

Dentre outros personagens, temos o Rei, que é autoritário; o Homem de negócios, que se preocupava, apenas, em calcular, esquecendo até de viver, representando uma sociedade consumista; o Acendedor de lampiões, que exercia sua tarefa sem nem saber o porquê de estar ali; e, o Geógrafo, o Astrônomo e o Vaidoso. Cada um desses personagens apresentados na obra somos nós, que assumimos tais características e esquecemos de viver, de ser feliz, da riqueza que existe nas pequenas coisas e que cada um de nós somos únicos e capazes de fazer a diferença onde quer que estejamos.

A obra nos faz perceber que os valores que se atribuem a algo ou alguém – não podem ser percebidos com uma visão superficial, para saber o que é essencial é necessário ver com o coração, como nos relata o Piloto. As pessoas são importantes pelo simples fato do tempo que nós depositamos sobre elas, quanto mais tempo, mais importante se tornam em nossas vidas – “Foi o tempo que dedicaste à tua Rosa que a fez importante” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 90). As pessoas são solitárias porque constroem muros ao invés de pontes, os muros servem para criar barreiras, separar algo, delimitar; já as pontes servem para conectar, possibilitar a união entre lugares.

Na obra, somos convidados a sermos pontes ou muros. E, em nossa sociedade, nas relações interpessoais, no contato com o outro, muitas vezes escolhemos ser muro ao invés de pontes. Só porque alguém foi magoado por outra pessoa não significa que todas as pessoas são iguais, ou agirão iguais, é necessário parafrasear o que nos aponta Exupéry em sua obra

ao nos dizer que “É loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou”. Em meio a toda a obra, são notórias as lições que podemos retirar dela, pois se trata de uma obra riquíssima para trabalhar o nosso lado humano, buscando uma educação de sujeitos capazes de entender que educação se faz com humanização.

Quanto ao gênero literário, podemos destacar que a obra se trata de uma narrativa. Alguns autores e/ou adaptações da mesma nos leva a compreendê-la a partir de outros gêneros como: novela, fábula, conto, peça de teatro, drama, entre outros. Nas diversas traduções para o português brasileiro realizadas a partir de 2015, quando a publicação em francês tornou-se de domínio público, observamos que figura, dependendo da editora, como literatura infantojuvenil, literatura infantil, literatura juvenil ou ficção francesa.

Massaud Moises (2007) apresenta algumas características do gênero literário novela quando o mesmo nos apresenta vários enredos que, ao longo da narrativa, estabelecem conexões entre si; é desenvolvido de maneira sequencial e o tempo desse gênero é histórico, ou seja, é determinado pelo calendário e pelo relógio; espaço e tempo são indissociáveis, de acordo com as ações, os personagens podem ser continuamente deslocados para diferentes ambientes na narrativa; a linguagem tende a ser clara e objetiva, variando de acordo com circunstâncias históricas da narrativa; não há um limite de personagens; a narração segue um ritmo mais acelerado, pois são as ações que norteiam a narrativa e o foco narrativo está naquele que narra, pois é aquele que sabe todos os aspectos da narrativa, inclusive aspectos psicológicos e de seus personagens.

Com *La Fontaine*, teremos outro gênero, que também se encaixa com a obra aqui trabalhada, gênero esse em que os animais ainda continuam sendo representados – e apresentados – com algumas características humanas, logo, serão, também, apresentados como símbolo. Estamos falando do gênero fábula, sobre o qual Irene Machado nos apresenta a seguinte simbologia: “formiga representa o trabalho; o leão, a força; a raposa, a astúcia; o lobo, o poder” (MACHADO, 1994, p. 57).

Ainda se tratando do gênero fábula, Barbara Carvalho (1982) afirma que a fábula é um gênero que contém a finalidade de, além de ensinar, divertir por meios de aspectos imaginários. Ela nos mostra o gênero fábula como “vocábulo latino, pertencente ao mesmo radical de falar que tem dupla finalidade: instruir e divertir” (CARVALHO, 1971, p. 128).

Após analisarmos os dois conceitos acima apresentados, observamos que o gênero literário novela se aproxima daquilo que norteamos no transcorrer desse trabalho, como: personagens, linguagem, tempo histórico, enredo e características psicológicas. Dessa forma, acreditamos que tais características nos levam a entender *O Pequeno Príncipe* como sendo

uma novela, embora seja uma obra bem complexa, vale salientar que as impressões aqui relatadas são de nossa particularidade.

Este livro também ganhou diversas adaptações como, por exemplo: no cinema teremos a versão mais antiga tendo seu lançamento aqui no Brasil em 13 de janeiro de 1975, com a direção de Stanley Donen, chegando a ganhar, com essa versão, o Prêmio Globo de Ouro, como o melhor filme cômico ou musical, e o Oscar de melhor musical original; e, teremos, também, uma animação lançada em 2015 com a direção de Mark Osborne.

A obra também foi estendida para o espaço teatral, na direção de Diego Benicá (2018), com a Copas Produções, que realizaram turnês com a peça musical, sendo este o espetáculo mais recente já lançado. Temos também outra adaptação da obra dirigida por Tony Giusti, contando de forma fantástica a história do encontro de um piloto com um príncipe no meio de um deserto. No mais, foram criadas, elaboradas e lançadas ao público de todas as idades, diversas peças teatrais e musicais que caíram no gosto do público e se tornaram alvo de vários elogios. Desta forma, não podemos esquecer que a obra ganhou imensidão, também, na vida de cada leitor, pois, em cada um de nós existe um príncipezinho adormecido aguardando o nosso próprio despertar.

#### **4 APRESENTAÇÃO DA HIPÓTESE – LUTO**

A imagem solitária, triste e de luto que o personagem piloto/autor carrega em volto da obra é mais que notória, afinal, não podemos esquecer o período de sua escrita, um período bastante conturbado, envolto nos episódios da Segunda Guerra Mundial. A ideia de “carregar” e/ou suportar as agruras da vida pode ser observada no capítulo XXIV, quando, no oitavo dia de pane no deserto, leva em seus braços o jovem príncipezinho e observa quão frágil é.

E é essa imagem e escrita que iremos salientar e destacar neste trabalho, dando foco ao seu contexto, o qual não tem nada a ver com o que diz respeito à banalidade que muitos leitores colocam a obra: amizade, amor etc.; há aspectos, sim, envolvendo tais fatores, mas o que se deve levar em consideração, também, é que somos humanos, a empatia faz parte de nossa essência, e ser empático com relação ao autor nos torna mais próximos de tudo o que ele possa ter vivido, de toda a tristeza, de toda a angústia, dor e sofrimento por ele ter vivido amores e desamores com seus entes, os quais, naquele momento, já haviam perdido.

A ideia de um luto contínuo, de que nós viemos para um mundo do qual iremos nos separar, iniciando na infância, na pureza, em seguida, vem a separação de pessoas que mais amamos, de familiares, pessoas mais velhas, ou até mesmo dos amigos mais jovens, da

despedida trabalhada em si, nos faz perceber que o trabalho da dor é presente em todo o desfecho da obra. Mas nós estamos ocupados demais, com nossos olhos voltados para o lado clichê, fictício e banalizado que a obra tomou – ou que nós, como leitores, destinamos. Será mesmo que vale a pena ter um amigo se nós iremos, um dia, morrer? Qual o peso que há em ser responsável por quem você cativa? Ou por aquilo que você, até mesmo sem querer, cativa?

O pensamento adulto que se aproxima de ambos os personagens – o piloto e o príncipezinho –, e que atua, constantemente, com conceitos enigmáticos, é o diálogo existente entre eles, indicando o retorno do príncipezinho para o asteroide B612, apresentando o conceito abstrato de morte.

- Fizestes mal. Tu sofrerás. Eu parecerei estar morto, e isso não será verdade...
  - Tu compreendes. É muito longe. Eu não posso carregar este corpo. É muito pesado.  
Eu continuava calado.
  - Mas será como uma velha concha abandonada. Não tem nada de triste numa velha concha...
- Fiquei mudo. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 108-109).

Assim, o príncipe conduz o piloto ao pensamento reflexivo sobre sua partida, propondo a diferenciação entre a matéria e a essência.

Há, também, outro momento, quando o príncipezinho diz:

- Eu também volto hoje para casa...
- Depois, tristonho, disse:  
- É bem mais longe... bem mais difícil... (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 104-105).

Momento esse que se passa quando o príncipezinho é picado por uma serpente, ao ponto de o piloto lhe encontrar quase sem vida sobre a areia do deserto, agindo, assim, pois sua atitude, justificada através de palavras, atribuindo a picada não a uma agressão, mas sim a uma possibilidade de retorno para a sua morada, pois o veneno lhe permitiria o abandono de seu corpo, cujo peso o impossibilitaria de regressar para casa, ficando, ali, um objeto sem vida, uma casca: o corpo do príncipe seguido da morte.

É duro fazer uma leitura designada à morte, ao luto, à dor ou a qualquer categoria que envolva tais características, mas não podemos desviar o olhar para este pensamento filosófico que a obra nos coloca, não podemos fingir que ela não faz parte do nosso convívio, até porque estamos mais preocupados com o processo do luto do que com a morte em si. Freud (2013) diz que a angústia seguida de dor pela despedida que, por sua vez, ocupava junto ao morto a

sensação de perda do objeto – pessoa – amado, a sensação de ter sido arrancado, brutalmente, de algo sem precisar sair do seu lugar que ocupava junto ao morto, são aspectos psíquicos que o enlutado carrega.

Fazendo um recorte de Luto e melancolia, Freud vem corroborando ao dizer que, “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.” (FREUD, 2013, p. 28).

Desta forma, tendo para ele o mundo empobrecido e tudo a sua volta esvaziado, características e aspectos normais do enlutado, é viável que a psicose alucinatória de desejo do objeto amado diminua, cedendo lugar para a aceitação da realidade, mesmo que o processo de desligamento seja, ou se mostre, doloroso. “E eu compreendi que não poderia suportar a ideia de nunca mais escutar aquele riso. Ele era para mim como uma fonte no deserto”. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 105).

Na obra de Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*, há uma recusa por parte do piloto em abandonar o príncipezinho quando este lhe pede para que não compareça no dia de sua partida, pois haverá muito sofrimento. O piloto, mostrando teimosia, ignora o pedido do amigo e comparece ao local:

- Esta noite... por favor... não venhas.
- Eu não te deixarei.
- Eu parecerei estar sofrendo... parecerei estar morrendo. É assim, não venhas ver. Não vale a pena...
- Eu não te abandonarei. (SAINT- EXUPÉRY, 2016, p. 107)

Há uma resistência por parte do piloto em abandonar o príncipezinho, ele não quer, de maneira alguma, fazer com que o desligamento entre ambos aconteça.

Assim, Freud denomina, apenas, o que seria o “trabalho de luto”, como, por exemplo, a perda de interesse pelo mundo externo, também a sensação de perda do objeto amado, do contrário, ele não menciona seus rituais através dos quais o enlutado procede para se chegar à cura de sua dor. Ele fala do sintoma, mas não como o prevenir. Através de tais comportamentos, o trabalho do luto, a princípio, insere o indivíduo na busca permanente do reencontro do objeto amado – ou da pessoa amada.

O luto, sentimento de perda, não chega a ser caracterizado como uma implicação ou condição patológica, desde que o enlutado consiga superá-lo após um certo período.

Através do pedido de que lhe escrevam, o piloto aparenta, ainda, está em condições de uma pessoa enlutada, a ferida aberta que lhe sangra, o processo de cicatrização não foi concluído, pois o mesmo ainda anseia pela volta do amigo.

No sétimo capítulo da obra, há um diálogo entre o piloto e o príncipezinho, eles estão falando sobre os espinhos das flores. O príncipezinho, uma vez que lançava uma pergunta, esta deveria ser respondida ou ele não cessava, então eis que surge a indagação: “- Então, para que serve os espinhos?” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 36).

O filósofo alemão Schopenhauer (1788 – 1860) lançou uma parábola conhecida como “O dilema do porco espinho” (1851), em que o mesmo ilustrou a convivência humana através de metáfora com o comportamento dos porcos-espinhos, que se empurravam uns contra os outros para se protegerem do frio. Os espinhos, nada mais eram que o essencial simbólico para informar até onde o sujeito homem pode chegar para suprir sua(s) necessidade(s) sem precisar se machucar. Logo, os espinhos da Rosa seriam essenciais para que ela se sentisse protegida de qualquer objeto que viesse a lhe ameaçar. Desta forma, os espinhos, para o piloto, estariam relacionados às sensações que a própria Rosa causava nele, simbolizando o ciúme, que ora partia da relação entre a Rosa e o príncipezinho e ora da relação do piloto com o príncipezinho.

Retornando à obra, o piloto estava ocupado, tentando resolver a pane que havia atingido o seu avião, ele estava preocupado, desatarraxando um parafuso do motor, a água que tinha para beber já era escassa, ele não desejava outra coisa a não ser sair daquele deserto, fazer com que o seu avião ligasse e ele pudesse voltar para casa. Mas, com o passar dos dias, um laço é formado entre ambos. O piloto é conquistado pelo príncipezinho, quando este lhe mostra o real sentido da vida.

O piloto, por sua vez, esquece do mundo externo, esquece do avião, esquece que desejara retornar para casa e tudo o que ele mais almejava a partir daquele momento era mais algumas horas ao lado de seu amigo que acabara de conquistar/ganhar, e é isto que aconteceu com o piloto, o luto o enlaçou e ele nem percebeu, pois:

O luto profundo, a reação à perda de uma pessoa amada, contém o mesmo estado de ânimo doloroso, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não faz lembrar o morto –, a perda da capacidade de escolher um novo objeto de amor – em substituição ao pranteado – e o afastamento de toda e qualquer atividade que não tiver relação com a memória do morto. (FREUD, 2013, p. 28).

O piloto passara, agora, a lutar contra um desejo que não sabia de onde vinha, um desejo de fazer com que o seu mais novo amigo permanecesse com ele e que não fosse embora.

Mas o inesperado – ou até mesmo o esperado –, aconteceu, quando...

houve apenas um clarão amarelo perto de sua perna, permaneceu, por um instante, imóvel, não gritou, tombou devagarinho, como tomba uma árvore, não fez sequer barulho, por causa da areia. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 111).

No desfecho da obra literária de Antoine de Saint-Exupéry, o piloto/narrador escreve aos leitores o pedido de que, se um dia chegarem a viajar por terras africanas, e:

[...] Se de repente, um menino vem ao encontro de vocês, se ele ri, se tem cabelos dourados, se não responde quando é perguntado, adivinharão quem ele é. Façam-me então um favor! Não me deixem tão triste: escrevam-me depressa dizendo que ele voltou... (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 114).

E, na medida em que o perdido não pode ser reencontrado, o objeto amado ganha existência como objeto desaparecido, deixando a ânsia de desejo transbordando no enlutado, pois, como foi dito, este espera um dia revê-lo, reencontrá-lo.

## 5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como intuito analisar de forma preliminar o estado de luto do personagem piloto na obra *O Pequeno Príncipe*, consideramos que, o que tal personagem carrega sobre si desde os recortes bibliográficos de seu autor, que vão da dedicatória ao amigo judeu Léon Werth, prisioneiro dos nazistas no período da escrita, é a representação do “luto”.

Percebemos que os resultados, também, nos apontam um narrador-personagem, o próprio autor da obra, na sua mais profunda solidão e tristeza, ora pelo seu país que se encontrava envolvido numa guerra, ora pela perda de amigos e entes queridos, encontrando, na escrita, a companhia adequada para externar tudo o que sentia e tudo o que vivia, mesmo que em enigmas.

A partir deste cenário, conseguimos identificar a literatura que dialoga com o luto presente na obra analisada, tendo em vista que as características que destacamos na obra, na maioria das vezes, são os aspectos afetivos, abstratos, sensíveis e imaginários que, aqui, através de nossa análise, assumem características reais, pessoais, presentes, vividas e sentidas pelo autor. Nesse sentido, a escrita enlutada que a obra carrega se passa por despercebida e pouco discutida.

Os resultados desse estudo podem contribuir para que a obra seja vista de outro(s) ângulo(s), ao ponto de levá-los à reflexão de que a obra pode ser usada para mostrar o estado real das coisas e/ou situações, ou seja, a encarmos, de fato, a morte e o seu processo de luto,

deixando de lado, de certa forma, a simbologia que os personagens representam ao fazermos a leitura da obra de maneira angelical. Precisamos, assim, olhá-la de forma essencial.

Afinal, uma obra literária pode apresentar traços de seu autor, marcas da sua vida, da sua história, do momento de produção. Portanto, os resultados aqui apresentados, longe de conclusivos sobre o tema, intencionam auxiliar no debate sobre a obra mencionada e, quem sabe, reconhecida como uma literatura de luto, ou seja, que as personagens perpassam pelas etapas, afinal, para alguém, tal qual o personagem narrador no deserto, a plenitude da vida vem do reconhecimento de nossa efemeridade. Vivenciada pelo autor pela ausência dos amigos e da pátria e externada através de seus personagens, em especial, a linguagem se constitui como ato transformador e constituinte de sentidos.

Personagens assim relembram aos leitores do adágio *memento mori* (lembre-se que vai morrer), apresenta as permanências daqueles que amamos e cuja ausência física um dia há de ocorrer. Tal qual o piloto, no último capítulo, que se conforma, mas não tanto, afinal sua melancolia é descrita aos amigos como “É o cansaço...”, aprendendo a viver com a ausência do corpo que nunca encontrou. Corpo que era leve. Apenas uma casca, quem sabe, a criança que os adultos esqueceram em si, que “não responde quando é perguntado”, pode nos lembrar de que precisamos dar notícias às pessoas grandes. No final, a dor do personagem-narrador o ensinou a gratidão pelo tempo ao lado de quem importa esperar um pouco e, por fim, escutar estrelas.

#### HIMSELF PILOT: MOURNING REPRESENTATION IN THE LITTLE PRINCE

##### **ABSTRACT**

Our work makes an analysis on the book “The Little Prince” (1943) as the condition of mourning is represented on character-narrator, the pilot. For this purpose, showing in a succinct form the context from author and his works, in order to observe your path as a producer individual of senses. Resulting of similitude between character and author and also pilot, Antoine de Saint Exupéry (1900–1943). Analyse this cutting in a literary perspective involving the condition of mourning and melancholia. The work internationally recognized for your abstract characteristic, sensitive, symbolic and imaginary, here are analysed to bias of pain. According to studies about mourning, melancholia and literature reached to representation of grief in this work, as a method to express your pain through writing, feelings that can being transformed in literature, as is showed on this book “The Little Prince” that is another aspect which few readers associate when read this one. Thus, it was utilized a bibliographic methodology which enabled us the analyses showed.

**Keywords:** The Little Prince. Mourning. Literature. Total war.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Aparecida Silva. **A literatura infantil como instrumento formador no espaço de convivência infantil**. TCC (Graduação em Educação Infantil) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 139 p., 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18685/2/Maria%20Aparecida%20Silva%20Barbosa.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2018.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CARNEIRO, Alfredo. O dilema do porco-espinho, de Arthur Schopenhauer. In: **Netmundi.org–Filosofia na rede**. Disponível em: <<http://www.netmundi.org/filosofia/2017/o-dilema-do-porco-espinho-de-arthur-schopenhauer/>>. Acesso em: 18 set. 2018.
- CARVALHO, Barbara Vasco. **Compêndio de Literatura Infantil**. São Paulo: IBEP Instituto brasileiro de edições pedagógicas, 1971.
- \_\_\_\_\_. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**: Sigmund Freud. Tradução: Marilene Carone. Textos: Maria Rita Kehl, Modesto Carone e Urania Tourinho Peres. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- \_\_\_\_\_. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: \_\_\_\_\_. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. Tradução: Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MACHADO, Irene A. **Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral**. São Paulo: Scipione, 1994
- MARIA, Givanilda. Indicação de leitura: O Pequeno Príncipe. In: **Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região (CRB-6)**, 2015. Disponível em: <<http://blog.crb6.org.br/artigos-materias-e-entrevistas/indicacao-de-leitura-o-pequeno-principe/>>. Acesso em: 04 set. 2018.
- MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- PEREZ, Luana Castro Alves. Características do gênero literário novela. In: **Brasil Escola. Literatura**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/caracteristicas-genero-literario-novela.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RUSSO, Francisco. **O Pequeno Príncipe**. Adoro Cinema, 68º Festival de Cannes, 2015. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-178545/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2016, 160p.

\_\_\_\_\_. **O Pequeno Príncipe**. Diretor: Diego Benicá. Teatro: Alterosa. Edição: Musical Infantil, 2017. Disponível em: <<https://www.vaaoteatromg.com.br/detalhe-peca/belo-horizonte/o-pequeno-principe>>. Acesso em: 04 set. 2018.

ESTANG, Luc. **Saint-Exupéry por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Agir, 1972, 192p.